

AUPPF Congresso 2022
ARGUMENTO
Sufrimento Psíquico em tempos sombrios



Uma representação da Medusa de Caravaggio é ladeada por “Black Medusa” e “White Medusa”, as duas de Koen Vanmechelen, na Galeria Uffizi em Florença, Itália, 28 de janeiro de 2022. Foto: Clara Vannucci / The New York Times.

A metodologia ancorada no paradigma estético expressivo recepciona a interdisciplinaridade entre variados saberes. Por isso é oportuna a referência a *Galleria degli Uffizi*, Florença, Itália, que inaugurou recentemente a exposição de Koen Vanmechelen, artista belga contemporâneo e multidisciplinar, que se concentra na relação entre a natureza e a cultura. A mostra, "*Seduzione*", foi até 20/03/2022, incluindo enormes iguanas com chifres, um tigre vermelho agachado e uma Medusa reimaginada com animais de bico aberto e dentes afiados na cabeça, todas criadas expressamente para seus salões. Assim, gostaríamos de costurar estes indícios e sinais (Carlo Ginzburg) com outros que fomos colher em flashback num encontro com o cientista político F. Jameson a convite de Cândido Mendes de Almeida. Ele observou que havia processos novos, e originais na hora presente! (1991)¹: **I** - penetração e colonização: do Inconsciente e da Natureza. **II** - destruição da agricultura do pré-capitalismo do “Terceiro Mundo” com a Revolução Verde que convivem e a manutenção do latifúndio. **III**- a ascensão da mídia e da indústria na propaganda. Desde então, o tempo presente ficou mais robusto e sombrio tanto com a chegada da pandemia Covid-19 em arrastão planetário, quanto da guerra na Ucrânia. São dois, portanto, os sinais dos tempos que vivemos para determinar novas sombras e encobrimentos de sentidos...

A questão da Natureza, é evocada na obra artística de Vanmechelen, num contexto duplo das observações de Jameson, tanto como proposta analítica como o que a vincula com a Exposição de Sebastião Salgado sobre a Amazônia, no SESC de São Paulo (desde

¹ Jameson, Fredric. *Pos-modernis and the logic of late capitalism*. Carolina do Norte: *Duke University Press*, 1991.

fevereiro de 2022) e que estará em julho, no “Museu do Amanhã” no Rio de Janeiro. O pós-modernismo que invade a hora presente remonta o surrealismo. Claro, ambos cercados sim, pelo conservadorismo e liberalismo conservador, racista, raivoso, carregado de ódio e ressentimento. A dualidade amigo versus inimigo compõe a cena.

Vamos recordar a lenda da Medusa que surge como um mostrengo no corpo da mulher que nos chega pela mitologia grega. No lugar dos cabelos, serpentes entrelaçadas. Evocando um ser que produz medo, mas sedutor. A Medusa era uma górgona presente na mitologia grega. Possuía forma monstruosa e tinha serpentes na cabeça, no lugar dos cabelos, por isso se podia confundir com cabelos desgrenhados. Era conhecida por transformar em pedra todos os que olhavam diretamente para o seu rosto a buscar discerni-la. A expressão Medusa, vem do grego "que reina com poder funesto". Era filha de duas divindades do mar, Fórcis e Ceto, sendo uma das três Górgonas. A Medusa combina Natureza e Cultura.

A figura da Medusa nos permite tomar a questão de gênero como uma das mais atuais na atualidade na qual se desenham os direitos das mulheres, mas sob uma capa sombria e de sombras que cobrem uma misoginia constante.² Reifica-se com frequência e ao mesmo tempo retém a mulher no lugar de sedutora, mas sempre com segundas intenções. A mulher é representada com certo desprezo, constituindo-se, pois, em aversão à mulher centrada numa percepção sexista que a coloca em segundo plano ou inferioridade, ressaltada a sua “suposta incompletude”.

Daí a violência constante que se insinua contra as mulheres na cultura pós-modernista que vivemos. Também muitas vezes as práticas perversas são realizadas contra as mulheres, algumas resultando em feminicídio; embora a perversão, estruturalmente, possa atravessar a questão de gênero. Propõe-se uma reflexão sobre a autonomia relativa da cultura e da linguagem, por converter-se em autonomia propriamente dita e o estético, reduplicando o mundo sem ser totalmente parte dele... No pós-modernismo o significante e o significado estão separados, mas em função da penetração da reificação que perpassa o próprio signo. Portanto já não cabe falar apenas em determinação econômica em sentido exclusivo e estrito. O significado é problematizado e estamos diante do jogo aleatório dos significantes.

A medusa de Caravaggio (1596/1597) é uma talha dourada, que mede 48 x 58 cm. Acredita-se que duas versões tenham sido pintadas. A primeira versão também é conhecida como Murtola - segundo o nome do poeta que escreveu sobre a obra, Gaspare Murtola (morto em 1624): "Fuja, pois se seus olhos forem petrificados em fascínio, ela o tornará em pedra". A segunda versão (60x55cm) está assinada Michel A F, que se deduz, em latim: *Michel Angelo Fecit*, "Michel Angelo fez (isto)" e está atualmente mantida na Galleria degli Uffizi, em Florença. Talvez a existência de duas talhas da Medusa de Caravaggio tenha sugerido a Koen Vanmechelen que ela, a Medusa de Caravaggio, fosse exposta ladeada pelas *Black and White Medusas* como que submetendo a questão do racismo, subsumida pela questão de gênero... Talvez banalizando a questão de gênero (!?). As faces sérias das *Black and White Medusas* que ladeiam a Medusa Central de Caravaggio como que contraditariam a face histórica e tônica da Medusa central. Novas sombras sombrias?

Sigmund Freud chegou a escrever “A cabeça da Medusa” (1922), publicado postumamente em 1940.³ Freud observou na figura mitológica tanto a origem do “complexo de castração” (plano simbólico) quanto a “petrificação” dos afetos mais

² Esta é uma das razões mais fortes para a reflexão de Hélène Cixous (1975) em “O riso da Medusa”, tradução para o português por Natalia Guerellos e Raísa França Bastos, Rio de Janeiro: Ed. Bazar do Tempo, 2022.

³ Ver Freud, Sigmund. A cabeça da Medusa. V XIII, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

genuínos. Ainda na mitologia grega, a Medusa trazia para si o temor de cada um capaz de encará-la. Todavia, após ser amaldiçoada por Atena, ela teria se refugiado na escuridão e dificultado o seu acesso, tendo sido morta por Perseu (sua cabeça decepada). Não esquecer ainda que na interpretação psicanalítica sugerida por Freud, a genitália feminina (ou seja, da mãe), posta na couraça de Atena, traria o poder de torná-la intocável, repelindo qualquer desejo ou pensamento sexual.⁴

As questões dos costumes, a sexualidade, o gênero, a religião, o racismo estrutural, os legítimos direitos das mulheres, a insubmissão ou inconformidade social, a sua própria soberania e autonomia, aparecem ou ressurgem como um leque de temas significativos na conjuntura presente e há vários outros... Na hierarquia dos valores vigentes do capitalismo, é claro que o lugar supremo será ocupado pela tecnologia de reprodução, síntese das novas tecnologias informatizadas ou digitais. A (des)informação mesma convertida em mercadoria. Ou seja, o consumo do próprio processo de consumo, muito além do seu conteúdo, dos produtos comerciais mais imediatos. A introdução do “5G” nas telecomunicações, é um exemplo do que estamos abordando. No entanto, os avatares da cultura e da estética configuram um formidável pano de fundo para compreender a hora presente, onde o desumano parece seduzir o humano...

Em síntese, talvez o estético possa propiciar uma visão capaz de neutralizar a inumanidade presente no humano de modo crescente. Por outro lado, os “Imaginários Amazônicos” de Maria Martins, inclusive “A cabeça da medusa” pode acertar em cheio os objetivos de Davi Kopenawa quando chama atenção para o garimpo que está destruindo a Floresta Amazônica e os indígenas que a habitam, com destaque para os Ianomâmi, mas não só.⁵

,

⁴ Jorge, Marco A. Coutinho. Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

⁵ Kopenawa, Davi e Albert, Bruce (Autores), Perrone Moisés, Beatriz. (Trad.), Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.